Dia 6 — São Guilherme

Cônego regular de Santa Genoveva do Monte, em Paris, depois abade de Eschil, na Dinamarca

São Guilherme, tão célebre no século duodécimo por sua virtude e por seus milagres, nasceu em Paris no ano de 1103, de pais muito distinguidos por sua nobreza, e foi educado desde menino na abadia de São Germano dos Prados, sob a disciplina do abade Hugo, que era tio seu.

O belo natural do menino Guilherme, seu amor ao estudo e sua inclinação à virtude deixaram pouco que fazer à educação. Foi logo a admiração daquela religiosa comunidade, a quem edificava com seus exemplos. Prendado o abade das virtuosas inclinações de seu sobrinho, aconselhou-lhe que abraçasse o estado eclesiástico. Fê-lo nosso santo, e desde logo se distinguiu no novo estado pela regularidade de seus costumes. Ordenado de subdiácono, foi provido num canonicato da igreja colegial de Santa Genoveva do Monte, onde ainda não se havia introduzido a reforma.

A vida exemplar do novo cônego, a inocência de seus costumes, sua pontual assistência ao coro e o grande amor que professava ao retiro e ao estudo, que pareciam dever granjear-lhe o carinho e até a veneração de seus companheiros, fizeram-no odioso a todos. Olhavam-no como a reformador incômodo e molesto; e reputavam sua observância regular por censura e repreensão de sua vida licenciosa. Passou a tanto sua aversão que resolveram obrigá-lo a renunciar o canonicato. Fingiu um deles que queria ser religioso e facilmente persuadiu nosso santo a que o seguisse em tão santa resolução; mas, havendo descoberto Guilherme o artifício, ficou em seu cabido, fazendo maior empenho de ser cada dia mais observante e mais exemplar, edificando tanto a todo o povo que Estêvão, bispo de Paris, o ordenou diácono, a despeito dos esforços que fizeram seus inimigos para dissuadi-lo disso.

Vagou por este tempo o curato ou prebostado de Épinay, que era provisão do cabido de Santa Genoveva, a cinco léguas de Paris, e os cônegos não duvidaram em provê-lo em Guilherme para desviá-lo de seu lado. Aceitou-o o santo, retendo sua prebenda, por ser costume daquela igreja que o dito curato ou prebostado fosse servido por alguém do corpo do próprio cabido.

Não gozaram muito tempo os cônegos da liberdade que criam ter com haver afastado de si aquele virtuoso companheiro; porque, havendo vindo a Paris, no ano de 1147, o papa Eugênio III, informado da licença com que viviam aqueles cônegos, resolveu, com beneplácito do rei Luís, o Jovem, fazê-los regulares. Deu-se a comissão a Sugério, abade de São Dinis, o qual fez vir cônegos regulares de São Vítor, deixando aos antigos cônegos seculares, durante sua vida, a renda de suas prebendas.

Logo que o soube Guilherme, sem deliberar um ponto, renunciou seu curato para fazer-se cônego regular; e apenas abraçou o novo instituto, foi seu singular ornamento. Admirou aos mais perfeitos sua exatidão na disciplina regular, sua devoção e seu fervor. Fizeram-no superior da casa, e logo se conheceu o que pode numa comunidade religiosa o exemplo de um superior prudente e santo.

Ainda que era muito vivo o zelo que tinha pela disciplina regular, sabia temperá-lo com tanta prudência, com tanta modéstia, com tanta suavidade que, ao mesmo tempo que fazia guardar a observância, fazia amável o preceito. Havendo-se espalhado em Paris a voz de que haviam furtado a cabeça de Santa Genoveva, Guilherme se ofereceu a entrar num forno aceso levando nas mãos a cabeça da santa, que muitos prelados reunidos acabavam de achar na caixa, para prova de que não era suposta.

Não se encerrava nos limites da França a fama da virtude de nosso santo; penetrou até a Dinamarca: e, desejoso Absalão, bispo de Roskilde, de restituir a pureza da antiga disciplina num mosteiro de cônegos regulares de sua diocese, situado na ilha de Eschil, pareceu-lhe que ninguém poderia ajudá-lo melhor a conseguir tão santo intento que o superior dos cônegos regulares de Santa Genoveva. Despachou, pois, para este fim o preboste de sua igreja, que comumente se crê haver sido o célebre Saxão Gramático, que compôs a história da Dinamarca. Ainda que ao abade de Santa Genoveva custou muito desprender-se do que era como a alma da regularidade em sua casa, contudo julgou que devia fazer à maior glória de Deus este doloroso sacrifício. Partiu Guilherme em companhia de outros três cônegos regulares que o ajudassem a estabelecer a reforma.

Foram recebidos por Valdemar, filho do mártir São Canuto, com extraordinária bondade; e o bispo Absalão, um dos mais insignes prelados daquele século, cumulou-os de honras e fez-lhes mil importantes serviços. Logo que Guilherme se viu em posse da abadia de Eschil, dedicou-se com o maior empenho a estabelecer nela a observância regular. Para consegui-lo, julgou que o meio mais eficaz era ir adiante com o exemplo. Mas desde logo se descobriu ser empresa mais dificultosa do que ele havia imaginado. O rigoroso temperamento daquele clima, o pouco uso da língua do país e a suma pobreza da casa puseram seu zelo e sua virtude a grandes provas. Os três companheiros que havia trazido de Paris, não podendo tolerar o rigor do frio nem as demais incomodidades, quiseram voltar à França. Os religiosos da casa, acostumados à relaxação, não podiam sofrer a reforma; o exemplo só do abade os desesperava; muitas vezes se sublevaram contra ele e intentaram tirar-lhe a vida de mil maneiras. Contudo, não foi isto o mais penoso e sensível para o santo abade.

Todo o inferno parece que se havia conjurado contra ele, irritado de uma reforma que havia de acender o primitivo fervor em toda a Dinamarca. Achou-se assaltado das mais violentas e mais obstinadas tentações. Mas, quanto mais cresciam os estorvos e mais se multiplicavam os laços do inimigo da salvação, mais se dava Guilherme à oração e à penitência. Premiou Deus a constância e a fidelidade de seu servo. Não só suavizou o gênio indômito dos religiosos, vencidos finalmente de sua moderação, de sua paciência e de sua brandura, mas converteu grande número de pecadores, atraídos da fama de sua santidade, e teve o consolo de converter também à fé de Cristo todos os gentios que havia ainda nas costas do mar Báltico.

Contribuiu muito para estes felizes sucessos a multidão de milagres que obrou, e pode passar pelo maior de todos eles sua perseverança e sua tranquilidade inalterável no meio de tantas fadigas e perigos.

Muitas vezes o viam derreter-se em copiosas lágrimas ao pé dos altares, para conseguir novas graças do céu para si e para seus irmãos. Nunca despia o cilício; dormia sempre sobre um pouco de palha; jamais usou linho nenhum e era contínuo seu jejum. Sete anos antes de morrer foi-lhe revelado o dia de sua morte e neste tempo amontoou grandes tesouros para o céu, dobrando seu fervor, suas penitências, seu zelo e sua paciência.

Sempre que celebrava o sacrifício da missa, regava os corporais com suas ternas e fervorosas lágrimas; e subia ao altar como se subisse ao Calvário. A última quaresma de sua vida passou-a em excessivos rigores. Na quinta-feira santa celebrou a missa com tão extraordinária devoção e ternura que moveu às lágrimas todos os religiosos que a ouviam. Deu-lhes a comunhão de sua mão e depois lavou os pés a grande número de pobres. Acabada a comida, estava-se dispondo para lavá-los a seus irmãos quando de repente se sentiu assaltado de uma violenta dor de lado, que o obrigou a recolher-se a seu pobre catre, onde se lhe excitou uma febre lenta. Finalmente, no dia de Páscoa, depois de meia-noite, ouvindo cantar em matinas aquelas palavras, *ut venientes ungerent Jesum*, clamou que já era tempo de que lhe administrassem a extrema-unção; e, recebido este último sacramento, penetrado de ternos afetos de amor de Deus e de confiança em sua misericórdia, expirou, aos noventa e oito anos de sua idade, havendo vivido quarenta inteiros na Dinamarca, dedicado ao exercício de todas as virtudes, singularmente ao de uma rigorosíssima penitência. Sucedeu sua morte no ano de 1203, e o Senhor manifestou bem depressa a glória de seu servo pela multidão de milagres que obrou em seu sepulcro. Vinte e um anos depois de sua morte, o de 1224, canonizou-o o papa Honório III.

São Celestino, Papa

São Celestino, um dos mais célebres sucessores de São Pedro que se têm sentado na cátedra apostólica, foi educado por seu pai Prisco, natural de Roma, no sólido princípio do santo temor de Deus. Aplicado às ciências, como se achava dotado de um engenho sobressaliente, fez nelas grandes progressos, os quais, juntos com um natural como nascido para a virtude, formaram de Celestino um dos jovens mais cabais de seu século, distinguindo-se já na juventude pela exemplar religiosidade de seus costumes, por sua singular piedade e por sua grande sabedoria. Consagrado bispo de Ciro, na Síria, e condecorado com o título de cardeal da Igreja de Roma em virtude dos méritos que contraiu no serviço da Igreja, brilhava nosso santo com a capacidade mais estendida, com a caridade mais abrasada e com o zelo mais generoso pela Religião, sendo a veneração de todos, quando ocorreu a morte de Bonifácio, primeiro deste nome, aos 25 de outubro de 423; e, persuadida Roma de que não havia sujeito mais benemérito para sucedê-lo que São Celestino, elegeu-o para esta suprema dignidade em 3 de novembro do mesmo ano. Os que eram afetos a Eulálio, bispo de Lipe, antipapa de Bonifácio, solicitaram-no para que viesse à eleição, com o fim de inquietá-la; mas, retirando-se aquele de todas as pretensões, por haver-se reconhecido, celebrou-se a promoção de Celestino em paz e tranquilidade, com universal aplauso.

Colocado no trono apostólico, correspondeu ao alto conceito que tinha formado a Igreja de Roma de sua eminente virtude e grande capacidade. Por seu zelo sempre ativo viu-se restituída àquele seu primeiro esplendor e àquela serenidade que parece haver obscurecido o funesto cisma. Toda a

atenção aplicou Celestino a unir as igrejas com os vínculos de caridade e a prevenir antecipadamente tudo o que podia ocasionar sua divisão. Com não menor exatidão se dedicou a restabelecer a disciplina eclesiástica regular e secular, relaxadas ao abrigo da parcialidade. Sua solicitude pastoral tinha por objeto conservar o sagrado depósito da fé e reformar os costumes de todos os estados, não só com suas palavras e sábias pregações, mas com a eficácia de seu exemplo. Sua vida era verdadeiramente austera, suas penitências contínuas; suas rendas foram como propriedade dos pobres, de quem foi pai na realidade.

O desejo que ardia em seu coração de dilatar o reino de Jesus Cristo fê-lo enviar zelosos missionários apostólicos por várias partes do mundo, a fim de que ressoasse nelas a voz do santo Evangelho; com cuja diligência chegou a lograr a conversão de não poucas nações envoltas nas miseráveis sombras da morte. Se não conseguiu este fim na Irlanda e na Escócia, na primeira missão de seu arcediago Paládio, porque resistiram aqueles naturais, concedeu-lhe Deus este consolo por meio de São Patrício, que principiou em seu tempo a conversão da Irlanda e até se diz que foi por ele mesmo consagrado bispo numa viagem que fez a Roma.

Ainda que todos estes louváveis feitos bastavam para realçar o mérito deste insigne papa, o que mais eternizou sua glória foi o ardor e atividade com que se aplicou a sufocar as perniciosas novidades que perturbavam a paz e os desvelos com que se dedicou a extinguir as heresias. Se em algum tempo teve a Igreja necessidade de um pastor zeloso e vigilante, de um papa santo e sábio e de uma cabeça visível que fosse capaz de opor-se aos esforços das heresias, foi no de Celestino.

Pelágio, homem de grande engenho, de vasta erudição e sedutora eloquência e inimigo capital da graça, atreveu-se a negar a transmissão do pecado original no gênero humano e a necessidade da graça, exaltando tanto as forças do livre-arbítrio que sustentava que só com as faculdades naturais podia o homem cumprir os preceitos de Deus, justificar-se e conseguir a salvação. Estes princípios, origem de outros erros, defendia seu discípulo Celéstio, homem acre e mordaz, com tanto empenho que se chamaram seus sequazes celestianos, como pelagianos os daquele. Juliano, outro discípulo do heresiarca, homem erudito em letras divinas e humanas, sumamente eloquente e jactancioso, não satisfeito com proteger o erro, teve a ousadia de escrever vários livros contra Santo Agostinho, ínclito defensor da divina graça. Causavam no Ocidente danos quase irreparáveis todos estes monstros que vomitou o abismo para introduzir nos homens as máximas mais prejudiciais à justificação e salvação, dignas da mais severa repressão; mas, armado Celestino de uma fortaleza e um valor verdadeiramente apostólico, perseguiu-os e anatematizou-os; refutou seus erros com sábias e eruditas cartas; e com o terror das leis imperiais que se deveram a seu infatigável zelo, obrigou a muitos deles a que abjurassem a heresia. Aprovou os escritos de Santo Agostinho contra os ditos sectários e recomendou sua doutrina e santidade com os maiores elogios na epístola que dirigiu aos bispos da França. Com não menor brio portou-se contra Agrícola, herege da mesma facção, que havia corrompido as igrejas da Inglaterra, enviando da França, para purificá-las do contágio, com honrosa legacia, os dois eminentes bispos Germano Altisiodorense e Lupo Tricasino.

Não foram só os inimigos do Ocidente os que experimentaram as vitoriosas forças do zelo apostólico de Celestino: também aos do Oriente alcançaram suas solicitudes, seus desvelos e vigilância pastoral. Morto Sisínio, bispo de Constantinopla, foi elevado àquela cátedra Nestório,

presbítero antioqueno, com tanto aplauso e aceitação que se persuadiram os eleitores de que havia de ser outro Crisóstomo; mas, descobrindo a breve tempo a perversidade que ocultava em seu coração, declarou-se autor de uma inaudita heresia, que negava que a Virgem santíssima fosse mãe de Deus, assegurando dever-se chamar *Christipara* e não *Deipara*, sob o suposto errôneo de estabelecer em Jesus Cristo duas pessoas, como duas naturezas, contra o sacrossanto dogma que crê e confessa nossa santa fé católica.

Apenas soube Celestino a execrável blasfêmia, escreveu imediatamente a São Cirilo, bispo de Alexandria, para que o informasse da verdade; e, tendo-o feito por meio de seu diácono Dosídio, que enviou a este efeito a Roma, voltou a escrever àquele insigne prelado para que interessasse toda a sua sabedoria e autoridade no reconhecimento daquele novo sectário e, quando não se arrependesse de seu erro, o excomungasse publicamente com todos os sequazes da impiedade. Também escreveu a João Antioqueno, a Rufo de Tessalônica, a Juvenal de Jerusalém e a Flaviano Filipense, celebérrimos bispos do Oriente, para que se armassem contra o poderoso autor da heresia. Mas, não havendo tido o desejado efeito estes paternais avisos, não satisfeito seu apostólico zelo com haver condenado o heresiarca pertinaz num concílio que teve em Roma no ano 430, valendo-se da proteção do imperador Teodósio, o Jovem, fez que se celebrasse um concílio geral em Éfeso no ano seguinte, de 431, que foi o III dos ecumênicos, ao qual assistiram duzentos bispos com os legados apostólicos, que o foram São Cirilo, Arcádio e Projeto, bispos, e Filipe, presbítero. Neste concílio foi condenado Nestório com sua heresia, desautorizado, desterrado e recluso no mosteiro de Santo Euprépio de Antioquia; e, para que constasse em todo tempo o que a Igreja qualifica, crê e confessa sobre a prerrogativa da santíssima Virgem, que negava aquele infeliz, decretou-se no mesmo concílio que se acrescentasse na saudação angélica a expressão *Santa Maria, mãe de Deus*.

As cartas que Celestino escreveu a São Cirilo, ao imperador Teodósio e ao concílio, que copiou à letra o cardeal Barônio em seus *Anais*, lidas naquela celebérrima assembleia, não cessaram os padres de admirar e elogiar seu infatigável zelo, sua grande sabedoria e sua vasta erudição no assunto da controvérsia, confessando todos a uma voz que a sua solicitude pastoral deviam as igrejas orientais o verem-se livres da peste nestoriana.

No meio desta universalidade de cuidados, teve tempo para descer a vários regulamentos de disciplina e compor diferentes partes da liturgia, que acreditam muito bem o zelo com que se esmerou na polícia da Igreja e em que os divinos ofícios se celebrassem com reverentes ritos e magnificência. Também logrou, a força de instâncias do imperador Teodósio, que fizesse leis para a melhor observância das festas e concedesse muitas imunidades às igrejas e privilégios aos clérigos.

Não contente com a solicitude pastoral com que atendia às necessidades das igrejas, achou fundos para edificar e enriquecer os templos de Roma com prodigiosa magnificência, prova grande de seu dilatado coração e de sua eminente piedade. A ele se deveu a ereção da igreja Júlia, na região sétima, perto da praça de Trajano, que enriqueceu com grandes doações, fazendo igualmente consideráveis dádivas à basílica de São Pedro. Também adornou o cemitério que construiu numa herdade própria, chamado de seu nome Celestino. Fez três vezes ordens no mês de dezembro, nas quais criou 33 presbíteros, 11 diáconos e 64 bispos para diferentes igrejas.

Finalmente, os trabalhos e fadigas apostólicas consumiram sua saúde; e, cumulado de méritos e de glória por tantos triunfos como conseguiu das heresias, depois de haver governado a Igreja como destro piloto, santo e sábio pastor, pelo decurso de oito anos, cinco meses e alguns dias, morreu no ósculo do Senhor, no ano 432, e seu corpo foi sepultado no cemitério de Priscila, na via Salária.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa de São Sisto, papa e mártir, que governou a Igreja no tempo do imperador Adriano e, no de Antonino Pio, sofreu gostoso a morte temporal por ganhar a Jesus Cristo.

Na Macedônia, os santos mártires Timóteo e Diógenes.

Na Pérsia, cento e vinte bem-aventurados mártires.

Em Ascalão, São Platônides e outros dois santos mártires.

Em Cartago, São Marcelino, mártir, que foi morto pelos hereges porque defendia a fé católica.

Em Roma, São Celestino, papa, que, por própria autoridade, lançou fora Pelágio, condenou Nestório, bispo de Constantinopla, e fez reunir, contra este heresiarca, o santo concílio geral de Éfeso.

Na Irlanda, São Celso, bispo, predecessor de São Malaquias.

Na Dinamarca, São Guilherme, abade, esclarecido pela santidade de sua vida e milagres.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração de São Guilherme é a seguinte.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Guillelmi abbatis commendet; ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que nos torne recomendáveis a intercessão do bem-aventurado abade Guilherme, para que logremos por sua proteção o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 13.

1 Coríntios 13,4-7

> **Latim:** [4] Caritas patiens est, benigna est. Caritas non æmulatur, non agit perperam, non inflatur, [5] non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt, non irritatur, non cogitat malum, [6] non gaudet super iniquitate, congaudet autem veritati : [7] omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.

Português: [4] A caridade he paciente, he benigna: a caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente, não se ensoberbece, [5] não he ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, [6] não folga com a injustiça, mas folga com a verdade: [7] tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.

Nota

«A nota que se acrescenta ao texto grego diz que esta epístola foi escrita em Filipos da Macedônia; mas parece certo, como adverte Tirino, pelo mesmo capítulo 18 dos Atos dos Apóstolos, que foi escrita em Éfeso, onde São Paulo teve a primeira notícia das divisões que se haviam suscitado entre os fiéis de Corinto. É uma epístola dogmática e moral, porque toda ela está cheia de doutrina.»

Reflexões

Não há virtude de cujo nome e de cuja máscara mais se valham as paixões, especialmente entre as pessoas que fazem profissão de espirituais e devotas, que a caridade. Depois do que o Apóstolo nos deixou escrito do verdadeiro caráter desta virtude, é fácil não a equivocar, e contudo a cada passo se equivoca.

Que temível é uma paixão disfarçada, e sobretudo quando se disfarça com o véu da Religião, para insinuar-se com maior artifício e para dominar com maior império e com maior segurança! Poucas vezes se corrigem os erros do entendimento quando nascem do coração e os cria a vontade. Contudo, não seria incurável a ilusão se se quisesse fazer reflexão em que a caridade doce e benéfica é o caráter e o distintivo da virtude cristã: *Charitas non æmulatur*, a caridade não é invejosa, diz o Apóstolo.

Ó bom Deus, e que grande prova de uma secreta hipocrisia é a inveja em pessoas religiosas, devotas e espirituais! É porventura possível amar a Deus sem alegrar-se de que outros o amem? É porventura possível amar o próximo e não comprazer-se em suas prosperidades? Esta complacência numa alma verdadeiramente humilde não é extraordinária. A tristeza pela estima alheia só se encontra em corações orgulhosos, presumidos e pouco cristãos.

Charitas non est ambitiosa. Tampouco é ambiciosa a caridade. Contudo, vemos não poucas vezes reinar a ambição com império absoluto em corações muito presumidos de estar inflamados na mais ardente caridade. Sempre é desprezível a ambição, mas nunca se faz mais odiosa que quando se descobre nos estados mais santos e até no meio dos asilos da humildade cristã.

Que indignidade que umas pessoas que não devem ter outro modelo que os abatimentos de um homem-Deus, nem outras leis que o que há mais perfeito no Evangelho, aspirem aos primeiros postos, anelem pelos primeiros empregos! Regalos, intrigas, baixezas, negociações, empenhos, artifícios sutis, políticas secretas, parcialidades: tudo serve e de tudo se valem na ocasião para chegar a seus fins. Quantas façanhas, quantas afetadas mostras de amizade, quantas indústrias estudadas, quantos manejos ocultos! E tudo para ir granjeando votos, os quais, ainda que deem maior direito ao cargo ou ao emprego, nem por isso tornam menos indignos os pretendentes. Essas elevações artificiais, efeitos da ambição, logo se desmentem a si mesmas; mas que dano não fazem aos que se alimentam com elas! *Interdum dominatur homo homini in malum suum* [^1]. Quando não é o Senhor quem te colocou nesse posto, nunca estarás nele sem perigo. Infeliz daquele que só deve a prelazia a sua ambição. Coré, Datã, Abiram e On pereceram com o incensário na mão por haverem-se intrometido sem vocação no sagrado ministério, por haverem intentado usurpar por maquinação uma dignidade que tinha Deus destinada ao mérito e à virtude: *Multum erigimini filii Levi.* Tu foste o que te elevaste por tua indústria e por teus artifícios; pois não poderás manter-te muito tempo nessa elevação. Anda a cabeça à roda a quem sobe mais alto do que deve. Com que horror olha Deus um pobre orgulhoso! *Pauperem superbum.* Que lastimosa desordem de costumes, e até de juízo! Uns pobres de profissão, humildes por seu próprio estado, matarem-se sobre qual há de sobressair ainda no pó, e aspirar a lucir e distinguir-se na própria obscuridade do retiro! Oh, e com quanta razão chama o Profeta a estas vãs honras, a estas preferências arrancadas com artifício, vaidades e loucuras cheias de ridículo: *Vanitates et insanias falsas!*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Mateus.

Mateus 7,13-14

> **Latim:** 13 Intrate per angustam portam : quia lata porta, et spatiosa via est, quæ ducit ad perditionem, et multi sunt qui intrant per eam. 14 Quam angusta

> porta, et arcta via est, quæ ducit ad vitam : et pauci sunt qui inveniunt eam !

Português: [13] Entraí pela porta estreita: porque larga he a porta, e espacoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entrão por ella. [14] Que estreita he a porta, e que apertado o caminho, que guia para a vida: e que poucos são os que acertão com elle!

Meditação

Primeiro ponto

Considera que há um caminho que guia à perdição e que é grande o número dos que caminham por ele. E não serás tu deste número? Não é dificultoso conhecer qual é este caminho, porque, depois do que disse Cristo, não é fácil equivocá-lo. Caminho largo, caminho muito trilhado, doutrina lisonjeira, moral relaxada nunca foram o caminho da salvação. Os santos certamente foram por outro muito diverso. Essas entradas tão planas e tão floridas enganam a multidão; mas aonde conduzem? Quando se marcha por umas planuras férteis, frondosas e risonhas, as árvores deleitam, o murmúrio das águas embevece, a gostosa conversação dos caminhantes diverte. Mas é puro o ar dessas campinas? Vai-se com precaução contra o ambiente contagioso que reina nelas? E será o céu o termo de um caminho que a cada passo nos desvia dele?

O caminho que guia à perdição é largo e espaçoso. Finge o sistema de consciência que te aprouver, forja a moral mais acomodada que te parecer; este é o oráculo. Indulgência universal em favor das paixões; interpretações da lei excessivamente benignas; liberdade do coração e do entendimento, que tanto debilita a religião, extinguindo quase a fé; licenciosa desordem de costumes; perniciosas máximas do mundo, que proscrevem tudo o que põe freio aos sentidos, tudo o que os refreia; reino do amor-próprio, onde está cativo o espírito do Evangelho e onde triunfam a profanidade, as paixões e o prazer: porventura tereis por termo a felicidade eterna?

Ó meu Deus, e que extravagância a de caminhar com tanta serenidade por um caminho que conduz infalivelmente ao precipício! Que loucura seguir uma doutrina que reprovou o próprio Jesus Cristo! Que erro governar-se por umas máximas tão contrárias à Religião! Esta é a conduta dos que, tiranizados de sua concupiscência, não têm outra regra que o capricho de seus desejos. O caminho largo que guia à perdição é essa vida ociosa, regalada e delicada; é essa vida mundana, sacrificada às diversões e aos gostos. O caminho largo é essa moral relaxada que pretende alargar o caminho do céu, que presume autorizar tudo o que lisonjeia a concupiscência; é essa moral hipócrita que, por debaixo de umas avenidas muito estreitas, abre um caminho muito largo, que, sob uma exterioridade austera e reformada, desviando a alma dos sacramentos, a leva insensivelmente a uma vida libertina.

Ai, Senhor, e por que caminho corro eu, quando minha vida é tão conforme a meus desejos e tão pouco arranjada às máximas de vossa lei!

Segundo ponto

Considera que, em matéria de salvação, não é o mais seguro o caminho mais trilhado. Escolhe má guia o que segue a multidão; não usa de sua razão o que se deixa arrastar. E não é isto o que fazem aqueles que querem viver como os demais?

Que regra mais perniciosa nem mais falsa que a que introduziu a desordem e tem como autorizada a licença dos costumes? Um uso que é abuso, uma moda extravagante e de capricho, o exemplo de uma dúzia de mulheres loucas e de um montão de rapazolas atarantados e perdidos; a arte de fazer-se rico por meio de usuras verdadeiras paliadas com o pretexto de um industrioso comércio; um luxo desmesurado, que confunde todas as classes e reina em quase todos os estados com nome de moda ou de costume: são estes os modelos que um cristão se deve propor? Procede-se com prudência, caminha-se com segurança quando, sem parar-se muito a discorrer sobre o caminho que se escolhe, sem informar-se ao menos aonde vai parar, vai-se às cegas atrás da multidão, consolando-se com o mal de muitos? Pois isto, e não outra coisa, significa aquela perniciosa máxima que se fez já como regra geral dos costumes: *É mister fazer o que fazem os outros.*

Esta é aquela porta larga, aquele caminho espaçoso que guia à perdição; esta é aquela moral empeçonhada que tem no inferno tantas almas.

Tem-se por muito severa a moral de Jesus Cristo; mas não nos deixou dito bem expressamente o mesmo Senhor que o caminho da perdição é amplo? É certo que o mundo ensina uma moral mais acomodada; mas é muito conforme à doutrina do Evangelho? Pode ter-se temor ao inferno e caminhar com serenidade pelo caminho largo? Pode viver-se uma vida regalada e mundana e estar tranquilo, sem ilusão? Busca um só entre os santos que tenha seguido esse caminho. Em todos os estados, em todas as condições do mundo houve santos; mas não acharás nem sequer um que não tenha fugido cuidadosamente do caminho espaçoso, que não tenha olhado com horror essa moral acomodada e condescendente.

Também eu, Senhor, detesto desde agora esse caminho largo, pelo qual marchei demasiado tempo, correndo à minha perdição; mas, já que por vossa pura misericórdia comecei a conhecer que ia descaminhado, dignai-vos guiar-me daqui em diante pelo caminho direito da salvação.

Jaculatórias

> *Vias tuas, Domine, demonstra mihi: et semitas tuas edoce me.* Sl 24.

Ensinai-me, Senhor, os caminhos que conduzem a vós diretamente, e mostrai-me as veredas da justiça.

> *Viam iniquitatis amove a me.* Sl 18.

Apartai-me, Senhor, do caminho da perdição.

Propósitos

1. Será prudência escolher um caminho só porque é mais plano, porque é mais trilhado, sabendo bem que o desvia do termo aonde pretende chegar? Pois esta é, à letra, a conduta dos que buscam de propósito confessores condescendentes e de manga larga, que só gostam de uma moral acomodada e benigna. Os nobres, os ricos, os que estão em grandes postos são de ordinário deste gosto: querem que se os lisonjeie até na observância dos mandamentos, até no mesmo sagrado tribunal da penitência. A um pobre artesão declaram-se-lhe sem disfarce nem lenitivo algum os mandamentos da lei de Deus; mas é mister muita arte, muita eloquência para não lastimar a delicadeza dos grandes, explicando-lhes as verdades da Religião e as máximas do Evangelho. Parece que se torna odiosa a doutrina em sendo demasiadamente cristã: é preciso sabê-la temperar com cem condimentos para que se receba com gosto. Ainda que se pregasse a gentios, não se proporia com mais comedimento. És tu acaso dos cristãos desse caráter? És dos que buscam muito cuidadosamente um confessor laxo, ignorante, condescendente e pouco zeloso? És dos que seguem opiniões excessivamente indulgentes? Despedirias logo um médico ignorante ou daqueles que, por lisonjear o enfermo, o deixam morrer. As enfermidades da alma, sua saúde e vida eterna pedem porventura menos resolução e menos zelo? O amor-próprio cega, o interesse ataranta; não consultes a um nem a outro. Em nossa religião não há mais que uma fé; logo tampouco pode haver mais que uma doutrina. Não se acomoda Deus com nossos erros, quando neles tem tanta parte a vontade como o entendimento. Não queiras lisonjear-te em ponto de tanta importância.

2. O caminho que guia à perdição é largo, e são muitos os que vão por ele. Não forjas tu acaso um sistema de consciência a teu capricho? Sendo rígido e severo com os outros, não reservas o indulgente para ti? Essa vivacidade, esse ardor quando se trata de coisa que te interesse, essa disposição a defender com o maior empenho teus direitos, não tornam um pouco suspeita tua moral? Essas fáceis dispensas no jejum, e queira Deus que não sejam também na abstinência; essas diversões tão frequentes, essa continuação no jogo, que parece que o tens por ofício; esse refinamento nos prazeres, esse enfadonho estudo de tuas próprias conveniências; essas somas consideráveis que emprestas a um juro excessivo; essa suntuosidade, essa delicadeza na mesa; essas indulgentes interpretações da lei; esse grande trem de profanidade: tudo isto acredita que vais pelo caminho estreito? Não demonstra, pelo contrário, que segues o caminho dos réprobos seguindo o da multidão? Vê aí muita matéria de exame e largo assunto para reflexões; mas não

passe o dia de hoje sem que experimentes em ti mesmo o fruto por meio de uma pronta mudança de vida.

Nota do Tradutor

«Tudo quanto se diz, assim nos propósitos como na meditação, acerca da moral relaxada e das opiniões laxas ou nimiamente indulgentes, deve entender-se das que verdadeiramente o são; não das que são verdadeiramente prováveis e benignas, segundo as regras da verdadeira probabilidade, que ensinam comumente os teólogos católicos e tem permitidas a santa Igreja.»

[^1]: No original há aqui e adiante chamadas de nota, numeradas «(1)» e «(2)», cujo texto não aparece na digitalização. Pelo contexto, as citações são de Eclesiastes 8,9 (*Interdum dominatur…*), Números 16,7 (*Multum erigimini…*) e Eclesiástico 25 (*pauperem superbum*).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:50 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:50 by Admin